

6 Conclusão

A partir da observação empreendida em nossa pesquisa, percebemos que as representações do envelhecimento retratam uma luta contra a morte. Seja ela uma batalha explícita para negar desaparecimento do indivíduo, ou uma forma de afirmar a permanência da sua identidade.

Na guerra contra a morte, a velhice, que é sua companheira, foi negada em nome do futuro. Apesar de modernamente marcado pela idéia de progresso, o futuro dos contemporâneos apresenta-se nos meios de comunicação como um campo arriscado, vacilante, ameaçando não exatamente os mais necessitados, mas sobretudo as camadas médias da população. Os trabalhadores autônomos ou assalariados, cuja renda familiar ultrapassa o teto da previdência social e constituem uma minoria de potenciais compradores de planos de aposentadoria privada (KAISÔ, 2004) correm o risco de ter destino similar ao da maioria da população brasileira, perdendo traços sociais distintivos, pautados no código do consumo.

Os valores relacionados à previdência estão associados historicamente à preservação das elites aristocráticas e burguesas, que tomaram a existência a partir do pressuposto econômico. Essa visão, disseminada em outros grupos sociais, postula que a vida é um patrimônio e precisa ser capitalizada para aumentar o seu rendimento, permitindo maior acumulação de riquezas. (RODRIGUES, 1999). Entretanto, essa idéia certamente não se incorporou na vida social de forma linear. Os operários citados por Rodrigues (2005) em seu artigo sobre razão e risco não viam no ambiente um inimigo potencial, não enxergavam a saúde como uma preocupação ardente, nem estavam focados em evitar os "riscos" que cercavam suas próprias vidas.

Como alerta Rodrigues (2005, p. 18) "comportar-se de modo previdente está intimamente ligado a hábitos algo reativos e à vontade de projetar o futuro". Hábitos que tem pouca chance de prosperar em ambientes sociais que encarem o

futuro com desdém. Portanto, devemos ter em mente que, em outros contextos sociais, viver cada dia pode constituir o grande desafio e glória da vida.

As imagens relacionadas ao lazer formam outra importante barricada contra concepções tradicionais da velhice. Dependente, de "pijama", recolhida aos aposentos após a saída do mercado de trabalho ou martirizada nas filas do INSS. Uma vida de divertimento, em contato com a natureza, em que o trabalho vira fonte de realização, coloca-se como a principal promessa dos anúncios pesquisados. Estes falam de uma época, que chegará com o futuro, de desfrutar a vida, a família, a natureza. Afinal, no calendário da produção, essa felicidade precisa ser adiada. E quando chegar o tempo de ser feliz, terminadas as obrigações do trabalho, permanecerá o constrangimento do lazer. Mesmo após a aposentadoria, é preciso se mexer o tempo todo, exercitar corpo e a alma, cuidar da forma e da memória, recarregar "baterias", para provar que ainda estamos aqui, entre os vivos.

Na luta contra o desaparecimento, a velhice se coloca como inimigo e os mais velhos são vistos com desconfiança em matérias jornalísticas que privilegiam esse tema. Os idosos consomem recursos que poderiam alimentar o viço da juventude. No lugar da solidariedade entre gerações os anúncios propõem a autonomia da previdência privada, não apenas como uma alternativa ao controle do Estado. Transformada em produto, a previdência privada oferece uma gestão individualizada do envelhecimento, que descarta a concepção coletiva para enfrentar o futuro, a velhice, para afirmar prevalência e permanência do indivíduo. Esse é um caminho solitário.

Uma solidão análoga à do autor, que pode tudo em relação à história que escreve, menos descolar-se dela. Até mesmo o curso do tempo fica submetido à sua ordem. Os anúncios dizem que é possível, no mínimo, fazer um acordo com o tempo, evitando as transformações indesejáveis, e, sobretudo, a maior delas, a morte, alimentando a esperança de vida eterna. A ciência, com seus progressos, atua na preservação do corpo. E a previdência oferece o suporte financeiro anti-envelhecimento. Assim, os mais jovens podem ter a "tranqüilidade" de viver achando que a velhice pode ser superada e a morte, indefinidamente adiada. Tudo depende de "você", daquele que está no comando, o indivíduo. Mas, a ilusão de independência nos impõe o papel de vencidos. O envelhecimento, inevitável, transforma-se em derrota pessoal, da qual somos culpados.

A noção de que temos responsabilidade pelo nosso destino nos transforma em culpados pela pobreza e pela doença que nos cercam, pelas rugas que encarnam no nosso rosto a inexorabilidade do tempo, pelo descompasso em relação aos mais jovens. Essa idéia também justifica que a velhice e a morte sejam afastadas e evitadas socialmente. E o pior, são os velhos e aqueles que estão imediatamente à beira da morte que recebem tal sentença pois depõem a favor do que queremos negar.

Em tempos pré-modernos morria-se em casa, em meio a familiares e amigos, em geral com total consciência e relativo domínio sobre os acontecimentos. A morte fazia parte da vida; afinal, morria-se muito naquela época. Nos dias de hoje, a possibilidade de alcançar a idade adulta sem ter visto um cadáver é imensa. (ARIÈS, 1977). Isso não significa que a morte esteja ausente do nosso cotidiano: basta abrir os jornais para perceber isto. Entretanto, há entre nós e as fatalidades que viram notícia uma distância física e emocional, a dos meios de comunicação.

Os idosos, ao contrário, estão por toda parte. Basta caminhar no calçadão de Copacabana - transformada em laboratório pela Organização Mundial da Saúde para melhorar a qualidade de vida do idoso nas grandes cidades (MARINHO; INTRATOR, 2005) - ou pelo comércio da Tijuca para perceber sua relevância no contexto populacional. Mas, atualmente, como indica Debert (2003a, c, d), as imagens e comportamentos atribuídos à Terceira Idade aproximam os mais velhos de comportamentos associados à juventude e, especificamente, à adolescência.

Não há mal nisso. O problema é que as técnicas médicas, cosméticas ou simbólicas de rejuvenescimento da velhice têm limites, impostos pela natureza. Preocupado com o tema, Elias (2001) nos ajuda a refletir sobre ele com um pequeno grande livro chamado *A Solidão dos Moribundos*, lembrando-nos que, quando envelhecem, as pessoas ficam realmente ou potencialmente menos fortes que os mais jovens e visivelmente mais dependentes - ainda que esse processo se dê de forma diferente em cada pessoa. Entretanto, nossos sentidos, pacificados ao longo da história do nosso *processo civilizador*, não estão preparados para enfrentar a violência das visões e cheiros que a velhice e a morte implicam.

A consciência de que as pessoas atingiram o limite de seu controle sobre os processos naturais frequentemente engendra, nos médicos e talvez nos conhecidos e amigos das pessoas que envelhecem e se aproximam da morte, uma atitude que

está em contradição com as necessidades sociais dessas últimas (...) Talvez as pessoas, nessa situação tenham uma necessidade especial de outras pessoas. (Elias, 2001, p. 96)

Essa é a principal preocupação de Debert (2003a) quando afirma que as imagens gratificantes do envelhecimento, entre as quais as propagandas de previdência privada se inserem, e a radicalização da noção de envelhecimento social podem não ser tão libertárias como aparentam. A natureza tem limites e, mesmo que a vida seja prolongada e mantida com relativa *qualidade*, não deixamos de envelhecer.

Se retomarmos os conceitos de *descronologização da vida* e de *privatização do envelhecimento* olhando o conjunto das representações pesquisadas, perceberemos que são ambos sintomas de uma mesma individualização extrema, presentes na comunicação de massa, e que se desenvolve no contexto da sociedade industrial. Por meio do consumo seria possível parar o tempo, prescindir do relógio e descartar as idades como referência. Os estilos marcariam diferenças, sendo a vivência de cada fase da vida ditada apenas pela subjetividade de cada um. O lado perverso disso é que o envelhecimento, inerente à natureza humana, passa a ser vinculado à idéia de derrota e a morte, inevitável, tomada como acidente de percurso.

Sobre o nosso desejo de imortalidade, Saramago (2005), em recente entrevista sobre seu livro, *As intermitências da Morte*, nos oferece um material intrigante para pensar:

A vida eterna não só seria a maior das complicações para o funcionamento da vida humana, como seria horrível. Se vivêssemos eternamente significaria ter uma velhice eterna. Alguém está interessado em ser cada vez mais velho ao longo de uma eternidade? (Saramago, 2005)

Não. A eternidade só nos interessa como esfera atemporal onde não há envelhecimento. E isso a coloca fora da esfera da vida humana, remetendo-a à experiência metafísica. Por isso a idealização da velhice como vida eterna também nos diz sobre um desejo de morte. Negamos a morte através dos anúncios, mas é disso que eles falam, o tempo todo.

A consciência da nossa mortalidade é um dos traços que nos distinguem dos animais. "A mortalidade dos homens reside no fato de que a vida individual, com uma história vital identificável desde o nascimento até a morte, advém da vida biológica". Mas a trajetória "retilínea" do nascimento à morte, se destaca no movimento circular da vida biológica. A mortalidade é mover-se em linha reta, ao longo do fio condutor que narra a vida humana, em um universo onde tudo o mais é cíclico. (ARENDR, 1989, p. 27)

O desejo de parar o tempo e viver a eterna juventude pode esconder uma antipatia por este mundo, onde vivemos na condição de mortalidade. Antipatia que pode nos remeter à apatia, uma espécie de abstenção da vida.

Não podemos deixar de enxergar com nostalgia, através da visão sensível de Arendt (1989), que o verdadeiro desejo de imortalidade nos levaria a planejar a vida não apenas para os que estão vivos. Os que verdadeiramente se pretendem imortais planejam atingir outras gerações através de suas realizações ou da sobrevivência da sua memória. De fato, os anúncios não traduzem uma verdadeira paixão pela imortalidade terrena. Mas um grande medo da vida, que nos assombra.